

COMPREENDENDO JOAQUIM BARBOSA

Elmir Duclerc

Em mais um incidente envolvendo Joaquim Barbosa e (mais) um de seus colegas ministros (Luís Roberto Barroso), surgiram novas pérolas do Ministro Vingador:

- a) “O voto de V. Exa. é político e não tem nada de técnico”.
- b) “V. Exa. já chegou com a decisão sob medida”
- c) “O voto de V. Exa. é uma afronta a uma decisão do Tribunal”
- d) “De onde V. Exa. tirou esses parâmetros discricionários para criticar a apenação do crime de bando ou quadrilha?”.

Tudo isso dito com aquele conhecido semblante de bedel de colégio primário.

Para quem não acompanhou o voto de Barroso, o Ministro criticava o Acórdão do Tribunal, à luz do princípio da proporcionalidade, uma vez que o crime de bando ou quadrilha teve a sua pena-base estabelecida num patamar muito superior (em termos relativos, claro) à pena-base dos outros crimes (lavagem, corrupção etc.), o que acabou (ops!) impedindo que fosse reconhecida a prescrição (pela pena em concreto), em relação a esse crime.

Na defesa do acórdão, Joaquim Barbosa afirmava que isso (a apenação distante do mínimo) era compreensível, em face da gravidade (gravíssima, segundo ele) dos crimes praticados pelo bando.

Três perguntas poderiam ser feitas a Joaquim. Três perguntas que qualquer estudante do primeiro ano de Direito poderia fazer:

- a) Ok, Ministro. Mas por que a apenação específica desses crimes ficou proporcionalmente mais branda? Porque ficaram mais próximas do mínimo?;
- b) Se os parâmetros propostos pelo Min Barroso são “arbitrários”, por que não são “arbitrários” os critérios adotados no acórdão?;

c) Se todo voto em Embargos Infringentes pode, em tese, mudar o resultado do julgamento, a previsão regimental da existência do recurso seria, em si, uma “afronta ao Tribunal”?

Se fosse um aluno mais perspicaz, perguntaria: O que V. Exa. Entende por “técnica” e por “política” ? Mas aí seria muita crueldade.

Seria ingênuo esperar resposta razoável de Joaquim a qualquer dessas perguntas, porque, a bem da verdade, ninguém poderia fazer isso. Ninguém que tivesse algum senso de pudor para com a realidade aguentaria o constrangimento e acabaria admitindo que elas são irrespondíveis (para quem não aceita mudar de opinião).

Mas a mente de Joaquim claramente não tem compromisso com a realidade. Lamentavelmente, ela está sequestrada por uma fantasia maniqueísta e messiânica que talvez lhe tenha sido inculcada como uma espécie de mecanismo de defesa. Se a realidade objetiva é insuportável, eu crio a minha própria.

As maiores expressões desse tipo de mentalidade talvez sejam justamente o discurso (até certo ponto ingênuo) de defesa das instituições e o argumento de autoridade, que está na raiz de todo tipo de censura, de “cale-se”, de fogueira de livros, tão comuns na Alemanha dos anos 30.

O problema é que gente assim simplesmente não pode exercer o poder. A história mostra que os resultados normalmente são drásticos. Essa, aliás, é uma temática mais do que frequente em qualquer estudo sério sobre o surgimento do nazismo. O efeito catártico que uma liderança carismática desse tipo produz nas grandes massas parece mesmo muito perigoso. A impressão que tenho é de que existe uma certa preguiça de pensar, uma sensação de conforto que faz com que uma grande maioria simplesmente adira, como forma mais rápida e prática de encontrar consolo contra as suas próprias frustrações e ressentimentos mais profundos.

O passo seguinte é o dar corpo e consequência prática a essa visão de mundo que me protege das minhas fragilidades a partir de uma negação da realidade, me permite adaptar o mundo à minha pequenez e me libera para cometer as maiores atrocidades bem intencionadas.

O que fazer diante disso? Luis Roberto Barroso está dando uma aula de sabedoria nesse item. Não adianta bater de frente com o “messias”. Não adianta responder no mesmo

tom as suas provocações. Barroso parece ter percebido isso como ninguém, e se limita a repetir o tempo inteiro que “entende e respeita” a opinião de Barbosa.

Vão por mim, isso é tudo que o tirano não suporta: a declaração de “compreensão” para com a sua tirania.

Ele mesmo sabe que compreender não significa ser tolerante com a intolerância. Ao contrário, essa parece ser a chave para desarmá-lo e expor ao grande público o que há de ridículo na sua arrogância, e o quanto há de fragilidade emocional, carência e recalque na sua atitude.

Alguém já disse que Barbosa é um homem mau. Outros já disseram que é um psicopata. Eu digo apenas que...compreendo as suas posições.

**Elmir Duclerc é Professor de Direito Processual Penal da UFBA.*